



Não aceitar a capitulação do CAELL quando a greve ainda não esgotou suas forças e temos condições para ir às ruas e arrancar as reivindicações da reitoria e do governo!

Rebeldia deve ser impedida de seguir à frente da direção da greve se for aprovada sua continuidade! Não pode seguir à frente das assembleias grevistas os não-grevistas que já aceitaram as migalhas da reitoria! É hora de desmascarar a capitulação do Rebeldia!

O peleguismo das correntes que compõem o DCE não é novidade para os estudantes de Letras. Desde antes de aprovada a greve no curso que essas correntes já trabalhavam para impedir que a greve começasse, e agora trabalham para que a greve se encerre prematuramente, quando essa ainda não esgotou suas forças e existem condições para reverter o quadro de desmobilização imposto pelas direções. A direção do CAELL (Rebeldia/PSTU), por outro lado, soube disfarçar durante essas últimas semanas seus propósitos da maioria dos estudantes de Letras, mudando decisões que não eram bem recebidas, fazendo meculpa e, principalmente, por meio de discursos incoerentes com suas práticas.

Isto até o dia 18/10, quando foi publicada uma nota que ficou conhecida por alguns como “manifesto antigreve”. A nota foi redigida e assinada pelas correntes que compõem o DCE (UJC/PCB-RR, Juntos/PSOL, Correnteza/UP) e outras correntes do PSOL (Afronte, RUA). Mas também foi assinada pelo Rebeldia, mesmo eles tendo votado a favor da greve na Letras. Na noite do mesmo dia, aconteceu a assembleia geral. O plenário se manifestava com aplausos às falas favoráveis à continuidade da greve, e com vaias às falas contrárias, incluindo às das direções. A mesa tentava inibir tais manifestações, até mesmo com ameaças de encerrar a assembleia. Negou-se a ver contraste e pediu que se pusessem favoráveis e contrários de cada lado para contagem dos votos. Foi um verdadeiro divisor de águas. À direita da mesa ficaram os contrários: todas as direções e correntes que se opunham à greve, incluindo o CAELL. À esquerda ficaram os independentes e umas poucas correntes favoráveis à continuidade da greve. Uma diferença de 172 votos dentre cerca de 600 votantes, um claro contraste. Considerando que as assembleias, até então, vinham aprovando a continuidade da greve de forma quase unânime, esta foi a prova cabal de que as direções vinham trabalhando pelo fim da greve e que acreditaram que aquela assembleia estaria esvaziada o bastante para

que conseguissem encerrar a greve naquele momento. Um erro de prognóstico expôs o peleguismo das direções e fez com que seus planos fossem por água abaixo.

Apesar de ter sido essa a prova irrefutável da capitulação e dupla face do Rebeldia (exceto, possivelmente, para uns poucos apoiadores incondicionais da corrente), a insatisfação com a direção do CAELL já vinha crescendo há um tempo. Muitos estudantes começaram a reclamar das assembleias, dizendo que elas não eram democráticas, e até que elas precisavam ser “reformuladas”. Diziam que se sentiam exaustos e julgados pela direção do CAELL e por alguns delegados do comando de greve da Letras por não participarem ainda mais das atividades. Quem está fora do movimento e ouve tais reclamações poderia até pensar que esses estudantes estão contra o movimento, deslegitimando a assembleia. Mas não se trata disso. A base, guiada por seu instinto, sabe quando há algo de errado, mesmo que não saibam a melhor forma de expressá-lo ou de enfrentar situação. Perceberam que as assembleias têm sido manobradas pelo fim da greve e não têm servido democraticamente aos interesses da base. Sem saberem explicar o que sentem, criticam diretamente a assembleia, em vez da mesa que a dirige.

Para não transparecer sua oposição à greve, a direção do CAELL diz não saber como resolver a desmobilização do curso e pede que a base o faça. Sabe que a base não vai encontrar, em tempo hábil, a solução do problema. Desta forma, dirime-se de seu papel de direção, propicia a desmobilização do curso e ainda oculta, no discurso, seus interesses. Ao mesmo tempo em que deixa aberta a porta para se justificar de que a base não “teve forças”, quando foi o CAELL que trabalhou contra a organização de greve ativa, radicalizada e politizada. Se bem as atividades de greve foram elaboradas pelas comissões de habilitação, e os GTs, sob a justificativa de que eram a vanguarda do movimento, o CAELL se omitiu de dar uma centralização e orientação de luta às atividades gerais de greve. Nunca mostrou qualquer iniciativa para se apoiar na disposição de luta das assembleias na Letras para organizá-la como vanguarda do movimento geral da USP, para que participassem organizadas nas assembleias gerais e tomar a frente nas atividades da greve ativamente etc. Assim, a força dos estudantes definha e encerra nas discussões particulares de cada GT ou comissão, e se esgota em inúmeras atividades culturais e debates que não servem para radicalizar e impulsionar uma greve ativa. Aí é que está a origem do cansaço e da sensação de ser julgado pela direção e por parte do comando por não participar, pois, na prática, a direção está jogando sobre a base a responsabilidade de garantir e dirigir a greve quando ela já se posicionou contra e impediu os estudantes mostrar toda sua força na greve contra a reitoria.

Outra forma como o Rebeldia está matando a greve na Letras é isolando a luta dentro da FFLCH. Já vinha tentando fazer isso desde o início, cobrando retratação do Paulo Martins e fazendo abaixo-assinado pela renúncia dele. Agora, faz atos em frente à congregação da FFLCH para abrir debate com a direção da FFLCH sobre a distribuição das vagas de professores na unidade. Ora, não há muito o que se debater a respeito, O MÉTODO DE DISTRIBUIÇÃO DEVE SER ARITMÉTICO: OS CURSOS QUE MAIS NECESSITAM DE PROFESSORES, I.E., ONDE MAIS FALTAM PROFESSORES, SÃO OS CURSOS QUE MAIS DEVEM RECEBER PROFESSORES, PROPORCIONALMENTE. Isto vale para a FFLCH, para cada habilitação da Letras e para toda a USP, no âmbito da greve geral. Quando a direção do CAELL se limita a debater apenas a distribuição dentro da FFLCH, está na verdade sufocando a greve dentro da FFLCH e se submetendo a negociar com distribuir os poucos cargos que serão jogados como migalhas ao curso entre as disciplinas. Com isso, ajuda a exterminar a greve, e procura se apresentar alguma suposta “conquista” como um “saldo político” que lhe sirva de propaganda eleitoral nas próximas eleições de CA e DCE.